



SUMÁRIO

- 13 APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO
Carlos Moore
- 17 INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO
Elisa Larkin Nascimento
- 21 PRIMEIRAS PALAVRAS
Mãe Beata de Yemonjá
- 23 APRESENTAÇÃO
Mirian Goldenberg
- 25 INTRODUÇÃO
Elisa Larkin Nascimento
- 29 1. MULHER NEGRA
Lélia Gonzalez
- 49 2. GRANDES MÃES, REAIS SENHORAS
Gizêlda Melo Nascimento

65	3.	RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS <i>Helena Theodoro</i>
85	4.	MULHER NEGRA, CULTURA E IDENTIDADE <i>Helena Theodoro</i>
97	5.	O CANDOMBLÉ <i>Sueli Carneiro e Cristiane Cury</i>
117	6.	O PODER FEMININO NO CULTO AOS ORIXÁS <i>Sueli Carneiro e Cristiane Cury</i>
145	7.	LIÇÕES DAS VOZES SILENCIADAS: MULHER, CULTURA AFRO-BRASILEIRA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL <i>Elisa Larkin Nascimento</i>
153	8.	NATUREZA, MORADA DOS ORIXÁS <i>Aderbal Moreira</i>
169	9.	A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E OS MEANDROS DA LEI <i>Hédio Silva Jr.</i>
189	10.	A FORÇA CULTURAL DAS FLORESTAS <i>Dandara</i>
195	11.	BANTOS, ÍNDIOS, ANCESTRALIDADE E MEIO AMBIENTE <i>Nei Lopes</i>
201	12.	SASSANHE: O “CANTAR DAS FOLHAS” E A CONSTRUÇÃO DO SER <i>José Flávio Pessoa de Barros e Maria Lina Leão Teixeira</i>
229	13.	COMO A JUREMA NOS DISSE: REPRESENTAÇÕES E DRAMA SOCIAL AFRO-INDÍGENA <i>José Flávio Pessoa de Barros e Clarice Novaes da Mota</i>
251		SIGLAS E ABREVIACÕES
255		REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO

POR QUE AS MATRIZES AFRICANAS?

A **REEDIÇÃO** da coleção Sankofa acontece em um momento de singular importância para os estudos brasileiros sobre a África e as diásporas africanas. Hoje, os estudos africanos não atendem apenas a uma demanda exclusiva do movimento social negro, mas de toda a sociedade, e tornam-se indispensáveis para o conhecimento do mundo no qual vivemos e dos mundos que nos precederam. Fruto do ativismo de educadores negros e seus aliados, a Lei nº 10.639/2003 coloca a sociedade inteira diante da obrigatoriedade de assumir o legado africano como uma pré-condição essencial para desenvolver o conhecimento. Era precisamente isso – assumir essa pré-condição e atender a essa demanda – que se almejava com a produção da coleção Sankofa na década de 1980. Por que assumir o legado africano como pré-condição essencial do conhecimento? Os temas abordados nestes quatro volumes vêm nos mostrar: as histórias e as culturas africana e afro-brasileira dizem respeito não apenas aos descendentes africanos, mas à humanidade como um todo e ao Brasil como nação.

No primeiro volume, vamos conhecer por que a noção da África como berço único da humanidade, arcaica e moderna, é um dos dados que se impõem com força cada vez maior nos estudos interdisciplinares sobre os seres humanos e as redes sociais complexas que estes têm constituído ao longo de seus quase três milhões de anos de existência. Entenderemos por que é necessário conhecer a África para compreender a origem das primeiras civilizações e a formação do mundo antigo e contemporâneo. Teremos uma introdução à saga de resistência dos povos africanos ao domínio colonial e ao sistema escravista mercantil, que implantou as nações modernas das Américas, e exploraremos as implicações dessa dinâmica nas relações entre Brasil e África. O segundo e o terceiro volumes abordam aspectos básicos de como a matriz africana fundamenta a cultura brasileira e da importância da luta anti-racista dos negros para a história brasileira, inclusive na área da educação. Os dois livros mostram o papel fundamental da mulher negra e da religiosidade de origem africana na formação da cultura brasileira e nas perspectivas de sustentação do meio ambiente. No quarto volume, conheceremos uma das contribuições que os intelectuais africanos oferecem ao desenvolvimento do saber no mundo contemporâneo.

Este conjunto de obras aparece em um momento no qual já foi nitidamente desenhado o tipo de estruturas socioeconômicas planetárias que pretendem ditar as normas em todos os âmbitos, especialmente no da educação. O mundo globalizado que tomou forma a partir da queda do projeto comunista e do fim da Guerra Fria é um mundo hegemônico não somente do ponto de vista econômico e político, mas também (e sobretudo) do ponto de vista ideológico. Embora se apresente como um mundo antiideológico – aliás, como o mundo do fim das ideologias –, na realidade ele massifica e difunde globalmente uma cultura ideológica que se apresenta como inclusiva. Trata-se da imagem fracionada de uma diversidade rasa e fácil, transmitida nos pulsos eletrônicos dos meios de comunicação de massa, incapaz de remeter à riqueza e à profundidade das diferentes culturas e experiências históricas. O recente revisionismo da narrativa histórica sobre a África faz parte dessa visão hegemônica cujo impacto contribui para manter a subalternização e a dominação dos povos e descendentes africanos.

* APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO *

A coleção Sankofa realiza um trabalho no sentido contrário - o de reafirmar e aprofundar as bases históricas de uma narrativa cujos protagonistas são o próprio povo africano e sua produção intelectual e científica - e oferece referenciais para uma formação intelectual capaz de contemplar as verdadeiras dimensões de nossa diversidade, contribuindo assim para a elaboração do pensamento contemporâneo.

CARLOS MOORE

Salvador, 2008



INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO

APÓS TREZE anos, voltamos a editar a coleção Sankofa (desta vez em quatro volumes), no intuito de atender à demanda que aumentou bastante desde a primeira edição. Continuam escassos, se comparados à amplitude dessa demanda, os recursos disponíveis para subsidiar o ensino da história e da cultura afro-brasileiras, apesar de estar em vigor, há quatro anos, a lei que o torna obrigatório.

Tal demanda não é apenas quantitativa, mas principalmente qualitativa. Precisamos de obras que abordem esses temas de um novo ponto de vista. Carecemos de pesquisas e reflexões construídas sobre novas bases epistemológicas. As informações reunidas nos volumes da coleção Sankofa atendem a essa demanda específica, e temos certeza de que serão de grande valor para uma população que está inserta em um mundo cada vez mais globalizado e procura fundamentar uma nova articulação de sua identidade. Refiro-me à população brasileira, e não apenas aos negros brasileiros. Para estes, porém, a recuperação de identidade ganha uma dimensão especial, pois a distorção, a escamoteação e a falta de referências sobre a história e a cultura africanas desembocam no desconhecimento de suas raízes, que são também as raízes do Brasil e dos países da diáspora.

A falta de conhecimento sobre suas origens contribui para que muitos afrodescendentes tenham baixa auto-estima, o que impede seu acesso pleno às oportunidades e mina sua capacidade de lutar por direitos. Essa situação levou o movimento social afro-brasileiro a exercer forte pressão política. Esse movimento, que vem se articulando desde a Convenção Nacional do Negro, realizada no Rio de Janeiro e em São Paulo nos anos de 1945 e 1946, quando intelectuais e ativistas negros advogaram medidas afirmativas no contexto da Assembléia Constituinte de 1946, expandiu-se bastante nas décadas de 1970 e 1980. No final do século XX, com a terceira Conferência Mundial contra o Racismo, o movimento abriu nova brecha com a modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003), que tornou obrigatória a temática história e cultura afro-brasileiras.¹

A primeira edição desta coleção marcou um momento rico nesse processo, pois foi publicada pela Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-brasileiras (Seafro), único órgão executivo estadual de primeiro escalão voltado para a articulação e implementação de políticas públicas de combate ao racismo.² O projeto Sankofa incluía a distribuição dos livros às bibliotecas públicas e às redes de ensino municipais e estadual do Rio de Janeiro, bem como a realização de fóruns e atividades de preparação de educadores para o ensino da história e da cultura afro-brasileiras. Essas iniciativas aconteceram uma década antes da promulgação da Lei nº 10.639, de 2003. Essa primeira versão da coleção Sankofa, em dois volumes, reunia os textos de apoio para o curso Sankofa, ministrado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro) no período de 1983 a 1995³, bem como o resultado dos dois fóruns que o Ipeafro realizou em conjunto com a Seafro, nos anos de 1991 e 1993. A segunda edição da coleção teve três volumes e trouxe novos ensaios.⁴

A presente coleção baseia-se nesses três livros, atualizados e com novos conteúdos, e agrega um quarto, a antologia de ensaios *Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora*. O primeiro volume, *A matriz africana no mundo*, introduz o leitor à história e às civilizações africanas da antiguidade e ao legado do grande cientista senegalês Cheikh Anta Diop. Oferece também uma introdução à história da resis-

tência pan-africana e às relações do Brasil com a África, contando com dois textos novos, um de Carlos Moore e outro de Anani Dzidzienyo. O segundo volume, *Cultura em movimento – Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*, focaliza a matriz africana no Brasil, o movimento social afro-brasileiro e a questão prioritária da ação deste: a educação. Aborda a Lei nº 10.639/2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e traz informações atualizadas sobre esses temas. O presente volume, *Guerreiras de natureza – Mulher negra, religiosidade e ambiente*, é enriquecido com a apresentação de Mãe Beata de Yemonjá; o ensaio de Aderbal Moreira sobre o culto aos orixás e a preservação da natureza; e o ensaio de Hédio Silva Jr. sobre a ação jurídica contra a intolerância religiosa. O movimento negro organizado vem protagonizando uma série de iniciativas de defesa da religiosidade de origem africana diante do ataque acirrado de novas seitas cristãs. Até muito recentemente, o Estado brasileiro aliava-se à Igreja Católica oficial na perseguição ao candomblé, com direito a batidas policiais nos terreiros e à apreensão de objetos sagrados, que passavam a ser guardados nos museus da polícia. Hoje, com a proliferação das igrejas evangélicas, essa perseguição adquire outros contornos, obrigando o movimento social afro-brasileiro a liderar atos públicos e ações judiciais, entre outras iniciativas. Uma vitória marcante foi a instituição de 21 de janeiro como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, por meio da Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007.

A coleção Sankofa ganha agora um quarto volume, *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, que introduz ao público brasileiro a proposta articulada pelo professor Molefi K. Asante com base nos referenciais clássicos da tradição e do saber africanos e liga-se estreitamente à obra do grande cientista senegalês Cheikh Anta Diop.

Com este trabalho, esperamos continuar a contribuir para a renovação e o enriquecimento da reflexão e do conhecimento acerca da história e da cultura afro-brasileiras.

ELISA LARKIN NASCIMENTO
Rio de Janeiro, setembro de 2007

NOTAS

- 1 | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE (SECAD). Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. (Parecer CNE/CP 003/2004). In: MEC/SECAD. *Ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: MEC/Secad, 2006, p. 229-57. Também disponível em: <<http://diversidade.mec.gov.br/sdm/arquivos/diretrizes.pdf>>.
- 2 | Leonel de Moura Brizola, então governador do Rio de Janeiro, criou a Seafro em 1991. Em 1995, o sucessor de Brizola a extinguiu. Vale lembrar que os conselhos estaduais e municipais de defesa dos direitos dos negros são órgãos consultivos.
- 3 | Alguns desses textos, mais tarde, desdobraram-se em livros: Lopes (2003), Lopes (2006), Nascimento, A. (2002c), Nascimento, E. L. (2003b).
- 4 | O Conselho Editorial da Uerj aprovou a coleção de três volumes, mas a EdUerj publicou somente o primeiro (Nascimento, E. L., 1996).



PRIMEIRAS PALAVRAS

FAZER PARTE deste livro, ainda mais participando de sua apresentação, muito me honra. Seu título literalmente me envolve e faz que me sinta pertencente a ele, pois ser mulher no mundo contemporâneo é uma tripla jornada – que dirá ser mulher afro-brasileira, religiosa e iyalorixá.

Sinto-me tocada especialmente por rememorar um passado não tão distante de ações de luta do movimento negro carioca ao ler importantes artigos de companheiros e companheiras. Esses textos, além de narrar tantas questões que fazem parte deste nosso universo afro-brasileiro – político, religioso ou de gênero –, falam da vida de tantas Marias, Beatas, Lélias, Clementinas, Olgas, Aninhas e Menininhas que o preconceito machista, racial e de gênero procura invisibilizar, seja tentando calar nossa voz com estratégias que nos desmobilizam, fragmentando nossa organização, seja com essa violência de várias formas velada, tão tipicamente brasileira. Ver tais artigos me faz voltar à militância do movimento negro e de mulheres no Rio de Janeiro na década de 1980, quando fui iniciada nos movimentos sociais. Ao ser uma mulher de candomblé e manter viva e preservada minha tradição religiosa, considero-me uma guerreira quilombola, e o candomblé foi e é o responsável pela manutenção de vários aspectos da cultura, da religiosidade e do pensar o coletivo negro.

Por ser uma iyalorixá, mulher, mãe e filha de Yemonjá, tenho em mim um legado muito necessário à vida humana, pois quando vim ao mundo já sabia que me estava orientado o dever de cuidar e acolher todos que me procurassem. Percebi que nossa história de mulher é vivida quase como uma roda-viva, em que temos de nos obrigar a ser mantenedoras de vários espaços da vida das pessoas. Minha mãe foi assim, minhas tias também, a mulher que me iniciou no candomblé também viveu para servir e acolher.

Hoje em dia, quando observamos a grande quantidade de mulheres negras que trabalham em diversos setores da sociedade, em espaços profissionais do cuidar, percebemos que ainda nos olham como aquelas que muito têm a oferecer e pouco a receber. Ainda hoje é negada a humanização, inclusão e inserção social da mulher de forma igualitária com o gênero masculino. Nossos direitos defendemos com lutas paralelas, como se mulher não fosse da espécie humana e não tivesse necessidade de conquistar e viver seus direitos.

Muito me orgulha ser vista como uma referência de mulher afro-brasileira, pois o conhecimento e o saber são múltiplos – e só poderia esperar de você, Elisa, tal sensibilidade. Nem todos sabem tudo, e é muito bom beber novas águas em outras fontes.

As ações e o saber ancestral dos terreiros e suas mulheres ainda não foram de todo esgotados, pois essa nascente jamais secará – enquanto houver livros e pessoas com tais iniciativas, continuaremos vivas lutando e guerreando não só por nós mulheres negras e guerreiras, mas também pela sociedade mais ampla, que muito ganhará com tais reflexões e ações.

Gotas de água juntas se transformam em chuva.

*Axé, Aiyaba omi bobo.*¹

MÃE BEATA DE YEMONJÁ
(BEATRIZ MOREIRA DA SILVA)
Rio de Janeiro, outubro de 2007

NOTA

1 | Força de todas as rainhas das águas.



APRESENTAÇÃO

EM UM momento em que a universidade brasileira se abre para um debate intenso sobre as questões de gênero e raça, em suas diferentes perspectivas, é muito bem-vindo *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*, organizado por Elisa Larkin Nascimento. Reunindo artigos de pesquisadores renomados, este volume focaliza três objetos de reflexão: a especificidade da situação vivida pelas mulheres negras no Brasil; as religiões afro-brasileiras e suas mitologias; e algumas propostas alternativas de tratamentos de saúde. Temas aparentemente distantes mas que combinam uma análise crítica sobre a sociedade brasileira e algumas reflexões sobre os caminhos possíveis para as mudanças necessárias.

Coerente com o trabalho de resgate da tradição africana do curso Sankofa, do qual os textos são originários, este volume permite entrar em um mundo desconhecido por muitos brasileiros, mas fundamental para a compreensão de nossa cultura. Em um primeiro momento, mergulhamos na análise da terrível situação socioeconômica em que vivem as mulheres negras brasileiras, em suas lutas para se impor no movimento de mulheres e, também, para enfrentar o machismo dos homens negros. Dados concretos sobre as ocupações, os salários e o analfabe-

tismo permitem compreender que a luta contra a discriminação está longe de terminar. É interessante a análise sobre o conflito das mulheres negras com as militantes feministas brancas que só puderam lutar por sua liberação porque contaram com o trabalho das empregadas domésticas (em sua grande maioria negras). Os autores, ao denunciarem a sociedade brasileira como racista e sexista, baseiam-se tanto em dados estatísticos como em expressões usadas cotidianamente (“mulata”, “neguinha gostosa”, “neguinha suja”, “moreninha” ou “crioula”). Num segundo momento, os artigos analisam as religiões afro-brasileiras, particularmente o papel que elas desempenham na vida das mulheres negras. Por fim, uma abordagem do saber popular relacionado às plantas e ao seu poder curativo. Esses artigos finais podem ser lidos sob a ótica do eterno debate natureza *versus* cultura.

Guerreiras de natureza propicia ao leitor uma consciência maior da desigualdade sexual e racial em nosso país, contribuindo assim para a necessária mudança. Tornando nítidos problemas que são invisíveis para a grande parte da população brasileira, a obra está cumprindo o papel que se propõe: resgatar idéias e expressões capazes de refletir diversos momentos na evolução recente do pensamento afro-brasileiro. É uma leitura imprescindível não apenas para antropólogos, sociólogos, historiadores, militantes, professores e estudantes, mas para todos aqueles que não aceitam desigualdades e discriminações de qualquer natureza.

MIRIAN GOLDENBERG
Rio de Janeiro, junho de 2000



INTRODUÇÃO

ESTE LIVRO germinou na confluência de dois eventos ocorridos em 1993, no mês das iyabás, orixás femininas: o Seminário da Internacional Socialista de Mulheres sobre o tema “Mulher e Desenvolvimento Sustentável”, realizado em Washington, DC; e o Primeiro Simpósio de Fito-terapia, realizado pelo Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Preparar uma contribuição sobre o tema do protagonismo da mulher afro-brasileira e das comunidades-terreiros do candomblé, que propiciam alternativas naturais de tratamento de saúde, levou-nos a uma reflexão sobre a riqueza da convergência destes três ambientes: a questão de gênero e a religiosidade afro-brasileira em relação viva e íntima com a urgente dinâmica do meio ambiente.

O livro reúne trabalhos aparentemente díspares, tratando de várias dimensões desse universo. Sua harmonia está na convergência dos temas, que não exigem uma linha unitária de abordagem. Ao contrário: a nosso ver, cada dimensão se enriquece e se completa em sua relação com as outras, numa expressão singular do valor da diversidade. Todos os trabalhos versam sobre assuntos abordados no contexto do curso de extensão cultural e universitária Sankofa, que coordenei durante o período de 1983 a 1995. Termo de origem akan (África ocidental, região da atual República de

Gana), *sankofa* significa a recuperação e valorização da rica tradição cultural africana – com seu alto nível de conhecimento – e do alto grau de desenvolvimento atingido pelas sociedades africanas. Seu símbolo é a imagem de um pássaro com a cabeça voltada para trás, estilizada no ideograma da escrita africana adinkra. Esse símbolo, válido em todo o mundo africano, também remete ao conhecimento e à divulgação do papel dos africanos e seus descendentes na construção das sociedades de todas as Américas.

No Seminário da Internacional Socialista de Mulheres, apresentei a tese, contida no ensaio de minha autoria incluído neste volume, de que as mulheres afro-brasileiras, junto com as mulheres em todo o mundo e, mais especificamente, as do sul do planeta, formam uma grande força no desenvolvimento de novas alternativas para nosso relacionamento com o ambiente. O saber popular sobre o valor medicinal das folhas, desenvolvido no contexto da religiosidade afro-brasileira, constitui um campo de desempenho crítico, contrapondo-se ao sistema industrial farmacêutico da economia mundial globalizada cujos produtos ficam cada vez mais inacessíveis aos povos. A tese ganha profundidade ao lado do trabalho de José Flávio Pessoa de Barros e Maria Lina Leão Teixeira, que mergulham no estudo de uma expressão desse saber do candomblé sobre o poder curativo das folhas.

Entretanto, o papel das mulheres negras como portadoras desse saber precisa ser contextualizado historicamente nas sociedades em que atuam. Os ensaios de Lélia Gonzalez, Helena Theodoro Lopes, Gizêlda Melo do Nascimento e Sueli Carneiro em parceria com Cristiane Cury foram escritos numa época em que essas reflexões se iniciavam. As mulheres negras se empenhavam para integrar os problemas específicos da mulher afro-brasileira no pensamento e na ação do movimento feminista – então composto majoritariamente de intelectuais brancas de classe média. O texto de Lélia Gonzalez foi escrito anos antes da reunião mundial de Beijing em que as mulheres afro-brasileiras marcaram época com sua delegação atuante e organizada. Assim, abrimos o volume abordando o contexto histórico, social e econômico das mulheres negras no Brasil. Gizêlda, Helena, Sueli e Cristiane desdobram essa análise, focalizando o contexto cultural e o papel de liderança das mulheres negras na comunidade e religiosidade afro-brasileiras.

As culturas e os povos indígenas se destacam com eloquência quando consideramos a necessidade de articular formas de vida humana em harmonia com a natureza. Dandara, Nei Lopes e José Flávio Pessoa de Barros, em parceria com Clarice Novaes da Mota, abordam esses intercâmbios entre as culturas africanas e indígenas no Brasil, explorando minuciosamente o universo da parceria entre matrizes culturais não-européias na convivência harmônica com o meio ambiente. O texto de Aderbal Moreira, escrito uma década depois e aqui reproduzido do panfleto que sua organização criou e dirigiu com intuito didático para o povo de santo, explicita novos elementos e novas dimensões dessa convivência no contexto religioso. É atualíssimo o depoimento de Hédio Silva Jr. sobre a lei e sua experiência na defesa jurídica do direito do povo de santo ao livre exercício de sua religiosidade.

Como critério editorial, procuramos respeitar as formas particulares de grafia e expressão dos autores, ao mesmo tempo mantendo um padrão básico de ortografia para dar unidade ao volume. No caso das transcrições de textos da língua ioruba, seguimos rigorosamente o original de cada autor. Quanto aos vocábulos de origem ioruba incorporados à língua portuguesa, utilizamos a ortografia brasileira.

Finalizando, queremos render aqui uma homenagem a Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, duas mulheres afro-brasileiras que há pouco deram seus passos de dança e se juntaram aos ancestrais (na expressão de Wole Soyinka). Ficou a herança de duas mulheres guerreiras, na melhor tradição das Candaces¹ nubianas. *Axé muntu*², irmãs!

ELISA LARKIN NASCIMENTO
Rio de Janeiro, 2000

NOTAS

1 | As Candaces são uma linhagem de rainhas-mães, soberanas e guerreiras, do Sudão antigo.

2 | *Muntu* é a palavra banta para axé, gente, força vital.



MULHER NEGRA*

Lélia Gonzalez

SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

DA INDEPENDÊNCIA do Brasil aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira. Assim, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país; sobretudo a região Sudeste. Por isso mesmo, podemos afirmar que existe uma divisão racial do espaço em nosso país (Gonzalez, 1979), uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra: quase dois terços da população branca (64%) concentram-se na região mais desenvolvida do país, enquanto a população negra, quase na mesma proporção (69%),

* Este texto foi elaborado para o curso do Ipeafro com base em trabalhos apresentados pela autora em conferências internacionais como African American Political Caucus (Morgan State University, Baltimore, 1984) e Latin American Studies Association (Pittsburgh, 1979) e publicado na revista do Ipeafro, *Afrodíspora*, n. 6-7, 1986, p. 94-106.